

Cadeira

Num canto esquecido, repousa a cadeira,
de madeira antiga, memória inteira.
Já foi trono em manhãs agradáveis,
com sol nas janelas e risos notáveis.

Mas há dias em que pesa o silêncio,
como se guardasse lembranças do ausente,
como se chorasse o tempo que mente.

Conflituoso é o seu destino quieto —
testemunha muda de tudo o que é incerto.

Já viu discussões, partidas, reencontros,
e palavras que deixaram corpos feitos.

E ainda assim, há magia no seu estar,
Pois quem nela se senta, às vezes flutua,
entre sonhos, histórias e a luz da rua.

Cadeira não fala, mas sabe escutar —
o peso da alma, ela ajuda a guardar.

Assim vive a cadeira, plena em poesia,
objeto comum com alma e magia.